

+24

Páginas de cultura

Novo disco junta
Leonard Cohen e Philip Glass,
dois grandes senhores
da música contemporânea.
Crónicas de Mega Ferreira
e Paulo Teixeira Pinto



19 JANEIRO 2008 | SEMANAL | ESTA REVISTA FAZ PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS N.º 50894 E DO JORNAL DE NOTÍCIAS N.º 228/326 | NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE



Uma artista plástica
portuguesa
conta à **NS'** como
realizou um filme porno
destinado ao público
feminino e como recrutou
as actrizes

PORNO para mulheres



ENTREVISTA

Pompeu dos Santos, engenheiro
"O projecto da Ponte Chelas-Barreiro é meu"



MONSANTO
Uma cadeia
para dois 'Solitários'

PUBLICAÇÃO



Os biólogos da Universidade dos Açores Telmo Morato e Ricardo Serrão Santos são dois dos autores

Os segredos dos montes submarinos

Primeiro manual científico foi promovido por investigadores dos Açores

ESTADO DA ARTE. Em 2002, o biólogo marinho Telmo Morato rumou à Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá, para fazer o doutoramento. Estava interessado em estudar um ecossistema particular – os montes submarinos – para perceber o impacto das actividades de pesca nesses ‘habitats’ pouco conhecidos. Deu-se conta de que havia pouca informação científica sobre aquelas montanhas submersas, geralmente de forma cônica e frequentemente de origem vulcânica, como acontece nos Açores, onde se situam 80 por cento dos montes

submarinos da Zona Económica Exclusiva (ZEE) portuguesa, e teve a ideia de reunir em livro todos os dados científicos actualizados sobre o tema. Desafiou um colega que estava a estudar na mesma universidade e o projecto começou a rolar. ‘Seamounts: Ecology, Fisheries and Conservation’ (‘Montes Submarinos: Ecologia, Pescas e Conservação’) foi publicado agora pela Blackwell, de Oxford, no Reino Unido, uma das mais importantes editoras de livros científicos do mundo. A obra, que é na verdade o primeiro manual científico sobre a

questão, “ficará como uma referência”, garante o cientista português, que é também um dos autores. Investigador do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores, Telmo Morato continua a estudar aqueles ecossistemas marinhos. Sobre o livro, que conta com 50 autores de 30 países, diz que a sua “grande mensagem” é a de que os “montes submarinos são ecossistemas únicos, com uma grande biodiversidade, provavelmente com espécies únicas”. E deixa o alerta: “A pesca industrial gera o seu colapso em poucos anos.”

O NÚMERO

18 mil milhões de sóis

O MAIOR buraco negro até agora descoberto tem uma dimensão difícil de imaginar, já que é idêntica à de uma pequena galáxia. À falta de melhor, talvez este número ajude: 18 mil milhões de estrelas idênticas ao Sol “caberiam” lá dentro. A sua descoberta, a 3,5 milhões de anos-luz do sistema solar, permitiu aos cientistas testar com um rigor sem precedentes a teoria da relatividade geral de Einstein e acaba por ser um novo recorde também aí. Para se ter uma ideia, o buraco negro mais pequeno que se conhece equivale “apenas” a 100 milhões de sóis todos juntinhos.



CONFIRMAÇÃO

A sesta faz bem à memória

SONO. Bastam noventa minutos depois do almoço, dizem dois investigadores israelitas, Avi Karni e Maria Korman, da Universidade de Haifa. Num estudo que envolveu vários voluntários, os cientistas verificaram que o período de sesta melhorava o desempenho da memória de longo prazo, que nos permite, por exemplo, lembrar um artigo que lemos ontem ou as palavras da nossa língua materna. Karni e Korman confessam que não se conhecem exactamente os mecanismos que causam este efeito da sesta. Mas colocam a hipótese de o sono acelerar o processo de consolidação da memória.

CONTRACORRENTE

Florestas tropicais não estão em declínio

ESTUDO. Há falta de provas, diz o investigador Alan Grainger, da Universidade de Leeds, no Reino Unido, e especialista influente na área da desflorestação tropical. Apesar de anualmente soarem os alertas de que as florestas tropicais estão a ser arrasadas a um ritmo que as apagará da face da Terra em pouco tempo, Alan Grainger explica, num artigo publicado na ‘Proceedings of the National Academy of Sciences’, dos EUA, que a realidade global é dife-



rente. O investigador britânico passou três anos a rever todos os dados da ONU sobre a desflorestação tropical e não tem dúvidas: “Os erros e as inconsistências não permitem concluir que há um declínio da floresta tropical nos últimos 40 anos.” Grainger não nega que haja desflorestação, já que ela é visível em várias regiões, mas garante que o quadro geral é “mais complexo”. E lança a hipótese de uma recuperação natural da floresta “que não está identificada”.